



## DESCUBRA AS DIFERENÇAS

José Cabrita Saraiva  
jose.c.saraiva@sol.pt

A M. Moleiro acaba de lançar um fac-símile do Atlas de Fernão Vaz Dourado. O fundador da editora especializada em réplicas de luxo de obras-primas bibliográficas explica como consegue fazer cópias tão fiéis ao original que até têm o mesmo cheiro.

**M**anuel Moleiro, editor galego estabelecido em Barcelona, tem motivos para estar orgulhoso. Os seus livros – réplicas exatas de atlas ou manuscritos iluminados – são apreciados por personalidades como Juan Carlos, George Bush ou Nicolas Sarkozy

O Papa João Paulo II dormia com uma obra saída da sua oficina na mesa de cabeceira.

Por estes dias o editor espanhol encontra-se no Porto, onde inaugurou na quinta-feira a exposição **Tesouros Bibliográficos (séculos X-XV): A Arte e o Génio ao Serviço do Poder**. Trata-se de uma oportunidade rara, diz Moleiro, para ver obras-primas da arte da cartografia e do livro como o **Atlas Vallard** (de 1547), o **Breviário de Isabel a Católica** (finais do século XV) ou a **Bíblia de Saint Louis** (1226-1234). Até 1 de maio, «**como se a Morgan Library de Nova Iorque, a British Library, a Biblioteca Nacional da Rússia, a Biblioteca Nacional de França e ainda outras grandes instituições mundiais**» estiverem reunidas sob o teto do Palácio da Bolsa, no Porto, considera o editor. Embora não sejam, evidentemente, os códices originais a em exposição na Invicta, as cerca de 30 cópias exibidas revelam-se tão fiéis que

é impossível, garante Moleiro, dar pela diferença.

A M. Moleiro Editor, que tem por divisa ‘a arte da perfeição’, acaba também de juntar ao seu catálogo de ‘quase-originais’ o **Atlas Universal de Fernão Vaz Dourado**. Nas palavras de Silvestre Lacerda, diretor da Torre do Tombo, trata-se de «**um dos tesouros do Arquivo Nacional da Torre do Tombo e uma das obras mais marcantes da cartografia portuguesa e internacional**».

Datado de 1571, o **Atlas Universal de Dourado** é uma obra de aparato, ou seja, destinada a deslumbrar e impressionar. Pouco sabemos hoje sobre o seu autor, mas presume-se que fosse «**filho de Fernão Dourado, moço de corte que em 1513 embarcou em Lisboa para a Índia**», nota João Carlos Garcia, professor da Universidade do Porto. «**O nome Dourado, a ser tomado por alcunha, poderia apontar para uma origem profissional, porventura derivada de douradores ou de ourives**», escreve Amélia Polónia, do Departamento de História e de Estudos Políticos e Internacionais da Universidade do Porto, no livro de estudos sobre o Atlas que acompanha a obra em fac-símile. De certo, só sabemos que foi um cartógrafo do qual nos chegaram cinco atlas e que se identificava pelo cargo militar de «**fronteiro nestas partes da Índia**». «**Associava o domínio da topografia do terreno**», continua Amélia Polónia, «**às suas competências militares**», tendo participado no segundo cerco de Diu em 1546.

O editor falou ao **SOL** sobre o Atlas de Dourado e explicou como consegue que os seus ‘clones’ sejam tão fiéis ao original que até têm o mesmo cheiro.

**Desde quando se interessa pelo livro antigo?**

O meu interesse, não só pelo livro antigo, mas pelos clássicos e as obras-primas da nossa cultura, é algo que vem desde sempre. E em 1991 comecei a dedicar-me à especialidade de clonar os manuscritos que se encontram nas bibliotecas nacionais de vários países. Por isso vir ao Palácio da Bolsa é como ir à Morgan de Nova Iorque, à British Library, à Biblioteca Nacional da Rússia e ver a obra mais

importante de cada uma destas bibliotecas.

**Como consegue obter autorização das instituições para clonar os seus tesouros?**

Devido ao valor quer económico, quer documental e artístico desses manuscritos, é muito difícil ter-lhes acesso. Mas em 1991 fiz o clone do **Beato de Fernando I**, uma obra que está na Biblioteca Nacional de Espanha, e isso teve um grande impacto, porque o trabalho ficou perfeito. Se não tivesse corrido bem, possivelmente nunca teria acesso aos outros.

**Agora é mais fácil?**

Penso que hoje nenhuma instituição me negará o acesso às suas obras. Já trabalhei com a Biblioteca Nacional da Rússia, a Biblioteca Nacional de França, a de Espanha, a Torre do Tombo aqui em Portugal, a Fundação Gulbenkian, a Fundação Huntington, na Califórnia, o Metropolitan e a Morgan de Nova Iorque. Agora são eles que se dirigem a mim para o meu trabalho.

**Existem contrapartidas financeiras ou de outro tipo envolvidas na produção das suas réplicas?**

Cada vez que produzimos uma destas obras, fazemos um estudo aprofundado, que valoriza o original. E somos nós que o pagamos, do princípio ao fim. No caso do **Atlas de Fernão Vaz Dourado** contratámos onze autores, coordenados por João Carlos Garcia, da Universidade do Porto, que o estudaram ao nível mais amplo que possa existir. E as instituições beneficiam, tanto a nível económico como a nível cultural, da divulgação que fazemos.

**Para reproduzir uma obra com este grau de exatidão basta ter conhecimentos técnicos ou é preciso também ter conhecimentos de história e cartografia?**

Para clonar estas obras é preciso, em primeiro lugar, ter a capacidade de o fazer, o que não é nada barato. Não é uma impressão sobre papel, é uma impressão sobre pergaminho, tratado e preparado para ficar exatamente como o original, com a mesma textura, a mesma espessura e até o mesmo cheiro. Trata-se de um trabalho altamente especializado. No caso dos códices de pergaminho, a pele tem de ser curtida de forma natural e não com cró-

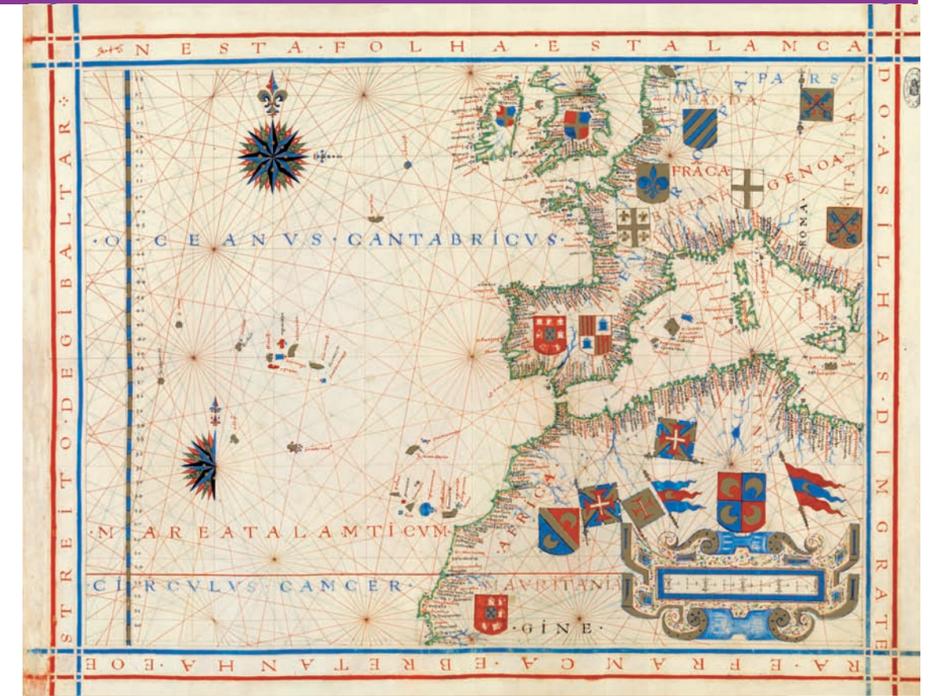
mio, como se faz atualmente, porque isso seca os poros e o que podemos lá não perdura. É preciso fazer as coisas como se faziam na Idade Média ou no Renascimento, e há detalhes que requerem grande precisão. Para reproduzir qualquer pequeno defeito que possa haver, uma falta de pigmento ou um erro no dourado, recorremos a laser de alta precisão, o mesmo que se utiliza nas operações aos olhos.

**Disse que os seus livros têm até o mesmo cheiro que os originais. Como se consegue isso?**

Se tivermos um códice em que a encadernação seja de pele de cabra vamos buscar uma pele de cabra igual e curtimo-la da mesma forma. As costuras dos códices fazem-se com um fio que tenha exatamente a mesma composição e seja produzido pelos mesmos métodos e, se houver madeira na parte interior da capa, usamos o mesmo tipo de madeira. Há uma montanha de elementos que são os mesmos, as tintas têm a mesma composição. Com isso conseguimos que o cheiro seja o mesmo.

**Por que se interessou pelo Atlas de Fernão Vaz Dourado? O que tem de especial?**

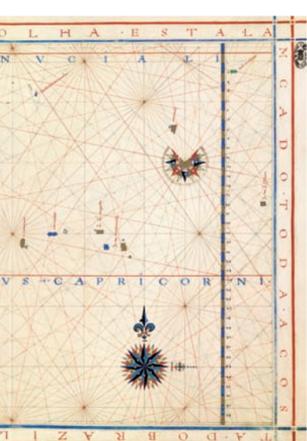
O Atlas de Vaz Dourado é uma autêntica preciosidade, um dos mais importantes da história da cartografia. Sou um apaixonado por cartografia e a nossa editora tem reproduzido o melhor da cartografia da época dos Descobrimentos. E nessa época – final do século XV, princípio do XVI – a melhor cartografia é a portuguesa. Não fizemos apenas o de Vaz Dourado, temos outros, como o **Atlas Miller**, encomendado em 1519 por or-



A Europa ocidental e o Norte de África no Atlas Universal de Fernão Vaz Dourado (1571)

dem D. Manuel de Portugal, e que está na Biblioteca Nacional de França. E o **Atlas de Diogo Homem**, que se encontra na Biblioteca Nacional da Rússia. E o **Atlas Vallard**, que foi feito em França, em Dieppe, mas cujos autores deviam ser todos portugueses e que se encontra na Fundação Huntington em San Marino, Califórnia. Desse ponto de vista, sinto-me satisfeito porque devolvemos a Portugal estas obras que aqui foram feitas, para que possam ser vistas e estudadas no seu país de origem.

**Por que faz 987 exemplares de cada obra? É um número da sorte?**



O sete é o número da perfeição. Na Bíblia o sete está sempre ligado à perfeição: são os sete dias da criação, a Besta do Apocalipse tinha sete cabeças, o sete é a perfeição do Bem e do Mal. A razão de ser dos 987 exemplares é que qualquer edição de menos de mil exemplares é uma edição curta e isso é muito importante para a valorização futura daquela obra. Quanto menos houver, mais cobichados serão e maior também será o seu valor.

**O valor destes livros aumenta com o tempo?**

Sim, porque cada edição é certificada, numerada, limitada, nunca mais poderá ser feita. Ou a tem ou não a tem.

**E quanto custa uma obra destas?**

Há oscilações, porque nem todas têm o mesmo número de páginas, nem todos os exemplares têm o mesmo tipo de encadernação ou o mesmo tamanho. Os preços podem ir desde os 400 euros, para uma coisa simples, até aos 20 mil.

**Qual foi o livro mais precioso que alguma vez segurou nas mãos?**

A **Bíblia de Saint Louis**, que é considerada o monumento bibliográfico mais importante que o homem fez desde que aprendeu a escrever e a pintar. Tem 4887 pinturas diferentes, o que é quase uma

pinacoteca encadernada. Mas todas as obras que editamos são obras-primas e, de qualquer ponto de vista que se olhe para elas, têm um valor incalculável.

**Que cuidados tem de se ter quando se manipula uma obra dessas?**

Em primeiro lugar, é preciso que as mãos estejam muito limpas, naturalmente. E tem de se ter muito respeito. Uma obra como o **Beato de Gerona**, que é do ano 970, tem mais de mil anos e penso que viverá outros mil se tiver o tratamento adequado. Estas obras sobreviveram porque foram consideradas tesouros logo na origem, no mesmo momento em que foram feitas. Eram tesouros para reis e imperadores que as podiam pagar.

**Os livros editados pela M. Moleiro são cópias de alta qualidade dessas obras ou mais do que isso?**

São muito mais que isso. O diário francês **Le Monde** qualificou o nosso trabalho como ‘um clone’. Se eu puser uma cópia feita por nós ao lado do original numa vitrina quem se aproximar não consegue perceber qual é o original e qual é a cópia.

**Se eu as visse lado a lado não as conseguiria distinguir?**

Tenho a certeza absoluta de nem você, nem ninguém consegue.



Manuel Moleiro, o fundador da editora, no Porto, com a réplica de um códice medieval